

“Camões Dentro de Mim”

Nunca havia sabido muito bem de onde era. Nascera num país, crescera noutro, e aparentemente herdara de Portugal apenas um nome difícil de pronunciar, sotaque que tropeçara nas palavras dos colegas e as memórias saudosas que os seus pais embalavam em vida. Diziam que era um país belo, que era saudade, que era mar. Belo como as encostas verdes da Madeira de onde vieram os bisavós, como as varandas rendilhadas e os azulejos que cobriam as paredes das casas nas fotografias antigas. Atribuíram à saudade o título do nome bonito da língua, e que só eles, portugueses, sabiam carregá-la com a dignidade de quem ama, mesmo à distância. E o mar... *ah*, o mar. Era tudo: fronteira e caminho, ameaça e promessa. Era o que os separava da terra onde pertenciam, e, de alguma forma, o que os ligava a ela. No mar começa Portugal, dizem.

Mas, para Henrique Maia, Portugal não surgira como presença, mas como ausência - que deixara no seu coração marcas invisíveis, como que o contorno de um quadro que fora tirado da parede. Tomara a forma da fotografia a preto e branco dos avós sorridentes no quintal, com as mãos calejadas do trabalho e os olhos semicerrados pelo sol — uma imagem que apesar de estática, parecera mais viva do que muitas das suas memórias. Carregara o cheiro a caldo verde que escapava da cozinha nos domingos de férias, entre as gargalhadas dos mais crescidos, que se misturavam com as discussões apaixonadas sobre futebol e política, e o silêncio respeitoso que caía quando a voz de Amália preencheria o ar através do rádio antigo. E residira, sobretudo, numa palavra repetida até esvaziar o seu significado: ‘*voltar*’. Pronunciada entre a esperança e o desespero, já parecera não apontar para um destino que um dia se cumpriria, mas para uma ausência que se alargara ao longo dos tempos, coberta com a rendição ao facto de que, talvez, o retorno nunca aconteceria.

A língua materna fora o idioma do afeto, mas também da correção – ‘não se diz assim’, ‘repete outra vez’. Como se, em cada palavra, houvesse uma certa maneira de ser, de existir. O português não só comunicava, mas moldava os pensamentos e os sentimentos da família. E Henrique tentara agarrar aquela mensagem, que acabara por escorregar entre os seus dedos como a areia fina que se esvai no vento. De início, as palavras dançavam nos seus lábios dentro

de casa, mas fora, na rua, na escola, elas permaneciam estáticas. Aprisionadas na garganta, incapazes de se libertar. Era uma língua que lhe parecera estranha, que os outros não entendiam de tão diferente da sua. E essa diferença, que lhe definira em tempos, o excluía. Como se ele fosse um eco distante lusitano de onde nunca vivera, mas que se refletia em cada sílaba que proferira.

Foi numa tarde fria, na biblioteca de casa, que o encontrara. O ambiente da sala estava imerso numa quietude quase reverente, o cheiro a livros antigos misturado com o ar gelado que entrara por debaixo da porta. O livro, pesado e velho, jazia esquecido numa prateleira alta, sua capa gasta pelo tempo e pelos incontáveis toques. O nome dourado, outrora vívido, esbatera-se, quase apagado pela passagem dos anos: *Os Lusíadas*. Conhecia-o vagamente – falara de Camões com a tia professora de português. O tal poeta que escrevera sobre navegadores e glórias passadas, cujas obras eram mencionadas em tom cerimonioso, que para Henrique, não passavam de algo tão imenso e distante quanto os próprios mares que o poeta descrevia. Camões jamais falaria consigo, assim imaginara.

Abrira o livro sem grandes expectativas, talvez apenas por curiosidade, talvez pela falta de algo melhor para fazer. As primeiras páginas encontravam-se amareladas, frágeis, com o papel a ceder ao peso da existência, mas que de alguma forma resistiu à erosão dos anos. Até aquele momento, as palavras de Camões pareciam apenas uma lição de história, algo alheio ao que sentira. No entanto, ao ler os primeiros versos, algo estalou dentro de si. Foi como se uma porta invisível tivesse se aberto de repente, deixando escapar a luz que iluminara tudo com uma suavidade arrebatadora, como se o próprio universo tivesse decidido, naquele momento, abrir-se a Henrique. Não fora uma luz física, mas uma sensação que atravessara o seu corpo e mente, como se o tempo e o espaço, até então tão firmemente definidos, se expandissem. Os versos tornaram-se algo vibrante, quase palpável, como se cada sílaba levasse consigo séculos de história, como se fossem um fio de ligação entre ele e um mundo mais antigo.

E a cada verso, a cada estância, descobrira algo além da história dos exploradores; falava sobre uma busca interior, sobre encontrar sentido onde antes só existira dúvida. Como quando Camões descreveu o “mar profundo”, que em sua vastidão não apenas separa, mas também une: “A terra que os

homens pisam é um pequeno ponto diante do infinito mar”. E assim, as suas palavras, que antes pareciam ecoar apenas no distante passado sobre o jovem, agora falavam diretamente do seu presente, como se tudo aquilo, também fosse a sua própria história. Era como se tivesse aparecido junto a Henrique um farol, que iluminava não apenas os caminhos dos navegadores de outros tempos, mas as suas próprias vivências. Como o marinheiro que vê na tempestade um desafio a ser superado, começou a perceber que a sua própria jornada — com as suas incertezas, os seus medos e as suas perdas — não tinha algum erro de percurso, mas uma parte fundamental daquilo que significa ser humano. A lírica daquela figura aparentemente quase mítica, por ser barbudo e não ter um olho, transformou-se numa bússola para o seu próprio interior.

E então, ao absorver aquelas palavras, algo acordou em si, algo que até então adormecera, talvez por medo e pela falta de compreensão que procurava. Naquele entardecer, sozinho com o livro em mãos, Henrique encontrou uma mão amiga que o segurou e que lhe lembrou que o que significava ser português estava enraizado em algo muito mais forte do que a geografia. Como Camões registou: “Vós sois o povo a quem o mundo se sujeita”. Não era a terra onde estava que o definia, mas a cultura que carregava dentro de si, e o espírito dos pais que, como os navegadores, desafiaram o desconhecido e buscaram sempre ir além. Já não estava mais perdido entre dois mundos. A sua identidade, antes fragmentada entre o país de onde nascera e o país onde estava, agora se tornava num vínculo imbatível com os seus antepassados e a sua história. Afinal, tinha Camões dentro de si.

Ao fechar o livro com as mãos ainda trémulas, Henrique abraça-o, como quem busca agradecer a Luís de Camões. Ao sentir as folhas sensíveis com os dedos, agradece-lhe por fazê-lo ver o mar como uma ponte e não como uma barreira. Fala-lhe, também, que graças a ele, o retorno, antes palavra vazia, estava agora recheada com uma conexão que transcende o tempo e o espaço. Portugal não estava apenas na terra, mas na língua que carregava, nos valores de resiliência e determinação que a sua família lhe transmitira, no amor que os seus pais cultivaram por aquele pedaço tão fértil de mundo.

Uma lágrima escapou-lhe — silenciosa, inesperada — e caiu sobre o miolo da obra. O papel antigo absorveu-a lentamente, deixando uma mancha suave a alastrar-se. Henrique recuou de imediato, num sobressalto, com um aperto no

peito. Aquele livro, tão cheio de história, de peso, parecia-lhe sagrado demais para ser tocado pela sua emoção desajeitada. Passou os dedos com cuidado pelo papel, como se tentasse reparar o estrago. Mas então viu. Não era a primeira marca. Havia outras – pequenas manchas dispersas, quase invisíveis. Seriam lágrimas mais antigas? E, naquele instante, o desespero deu lugar a algo cheio de sentido. Aqueles desconhecidos, talvez do mesmo sangue, em outros tempos, se tinham sentido deslocados, perdidos, tocados. Também eles ali tinham encontrado, nas palavras de Camões, uma âncora. Os Lusíadas deixaram de ser apenas um poema épico – tornou-se numa casa comum, num espaço onde a dor se transformava em reconhecimento, e a distância em pertença. Ao sorrir, Henrique percebeu que, talvez, nunca tivesse estado assim tão perto de Portugal. Ser português, aprendeu com Camões, não é apenas lá nascer. É manter viva a sua identidade, mesmo quando tudo à volta tenta fazê-la desaparecer. Acima de tudo, é um verso que nos chama de volta, sempre.